



A Companhia de Jesus no contexto de reafirmação do catolicismo: problemáticas Modernas e Contemporâneas

Uma entrevista com a **Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso**

Maria de Deus Beites Manso é doutora pela Universidade de Évora, Portugal e professora na mesma instituição. Investigadora no Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais.UE (NICPRI.UE). Autora do livro “História da Companhia de Jesus em Portugal”, publicado em 2016, pela editora portuguesa Parsifal.

<http://lattes.cnpq.br/4700200659902873>

Entrevista concedida via correio eletrônico a **Marcus Vinicius Reis**, doutorando em História Social da Cultura no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG e membro do Conselho Editorial da *Temporalidades*, gestão 2016.

A aspiração à vida missionária esteve ancorada a um projeto de larga escala direcionado a ampliar as fronteiras vigentes da cristandade, se consolidando em dois importantes pilares que moveram a organização de uma ordem religiosa em meio à conjuntura reformista que a Igreja Católica empreendia desde as primeiras décadas do século XVI. Aprovada pelo papa Paulo III em 1540 sob a bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, a Companhia de Jesus, encabeçada por seu criador Inácio de Loyola, se sustentou desde os primórdios de sua atuação sob o discurso em prol da conversão dos povos, inserida numa conjuntura em que as expansões ultramarinas se tornaram outro alicerce desse empreendimento.

Largamente influenciado pela *Devotio Moderna* – movimento interessado na renovação espiritual católica e que encontrou na França e nos Países Baixos seus maiores centros difusores – , Inácio de Loyola encontraria em Paris o espaço ideal para a difusão dos seus “exercícios espirituais”, organizando um pequeno movimento que se tornaria posteriormente o núcleo duro da Companhia de Jesus: Francisco Xavier, Afonso Salmerón, Nicolau Bobadilha, Pedro Fabro e Simão Rodrigues. Partindo da missão como um dos sustentáculos de sua atuação, os inicianos ingressaram no contexto de reafirmação do poder católico e de resposta às críticas encabeçadas



pela Reforma Protestante. Na busca pela expansão religiosa ao mesmo tempo em que se visava a salvação das almas mesmo em lugares distantes, os jesuítas encontraram na missão o mecanismo ideal para a consolidação de ambos os objetivos. Nas palavras de Adone Agnolin, antes de ser necessariamente um dever, a missão passou a significar “lugar”, ou seja, uma “residência estável que tem como finalidade a instrução”¹. Enfim, fosse no âmbito da expansão ultramarina portuguesa ou no âmbito espanhol, por exemplo, a estratégia em todo da ampliação da cristandade encontraria nos inicianos um dos maiores expoentes dessa empreitada.

Notadamente, é importante que a historiografia referente às ordens religiosas na Época Moderna busque se desvencilhar da tentação referente à história da Companhia de Jesus. Tal ressalva, apontada de forma pertinente por Ângela Xavier, consiste em desnaturalizar a ideia de que aos inicianos cabe a hegemonia da história religiosa no contexto em questão “graças à modernidade da sua cultura apostólica”². Questão pertinente tendo em vista que a Companhia de Jesus é reconhecidamente uma das principais ordens religiosas que produziram um extenso e diversificado volume de documentação desde sua fundação. O que não nos leva a cair em outro extremo de desconsiderar o peso fundamental que algumas figuras pertencentes ao quadro jesuítico de atuação adquiriram no âmbito dessa mesma história religiosa. Trajetórias como as de Roberto de Nobili, analisada, por exemplo, nos trabalhos de Inês Zupanov³, ou de Mateo Ricci, citado por Paolo Aranha⁴.

É, portanto, no contexto de debates provocados pelo atual Dossiê, “(In) Tolerâncias religiosas: práticas Modernas e problemáticas Contemporâneas”, que a *Temporalidades* se propôs a conversar com a historiadora portuguesa Maria de Deus Beites Manso. Nossa entrevistada é Professora Auxiliar com Agregação no Departamento de História da Universidade de Évora e colabora regularmente com universidades brasileiras, tendo sido em 2015 Professora Visitante CAPES na Universidade Federal de Minas Gerais, espanholas, de Macau e do Japão. Participa regularmente com outros centros de investigação em Portugal: CHFLUL e CEI/ ISCAP, no Brasil integra diversos grupos de pesquisa certificados pelo CNPq, por exemplo, *Escravidão, mestiçagem, trânsito de culturas e globalização - séculos XV a XIX*, *Jesuítas na América* e *História do Mundo Ibérico* e MAPEAL (Associação de Macau para a Promoção e Intercâmbio entre a Ásia-Pacífico e

¹ AGNOLIN, Adone. **Jesuítas e Selvagens**: a negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc. XVI-XVII). São Paulo: Humanistas Editorial, 2007, p.213.

² XAVIER, Ângela Barreto. Itinerários franciscanos na Índia Seiscentista e algumas questões de História e Método. *Lusitânia Sacra*, 2ª série, 18, 2016, p.87.

³ ŽUPANOV, Inês. **Disputed Mission: jesuit experiments in brahmanical knowledge in seventeenth century India**. New Delhi: Oxford University Press, 1999.

⁴ ARANHA, Paolo. **Il cristianesimo latino in Índia nel XVI secolo**. Milano: Franco Angeli, 2006.



a América Latina). Quanto ao âmbito da lecionação, este recai sobre a História da Expansão e da Colonização Portuguesa, História da Cultura Portuguesa, Teorias e Problemáticas da História da Expansão Portuguesa e Culturas Políticas e Sociedades Coloniais. Seus temas de pesquisa centram-se na construção da globalização iniciado a partir do século XV, tendo como âmbito a história religiosa, da mulher/gênero, escravatura e mestiçagens. No mais, recentemente os interesses de estudo e debate incidem sobre a CPLP (Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa) nos aspetos internacionais das culturas e dos povos lusófonos, em chave histórica.

Partindo do tema "A Companhia de Jesus no contexto de reafirmação do catolicismo: problemáticas Modernas e Contemporâneas", é de nosso interesse refletir a respeito do peso que a Ordem fundada por Inácio de Loyola possui no âmbito da história das religiões, das práticas de tolerância e intolerância, não somente na Modernidade, mas, também, no universo Contemporâneo, já que, com a nomeação de Jorge Mário Beroglio como Papa Francisco, a figura jesuítica voltou a adquirir destaque.

[Revista Temporalidades]: Adriano Prosperi, no seu *Tribunais da Consciência*⁵ (Tribunali dela Coscienza), afirmou que há uma questão central sobre a história das missões referente à capacidade que as fontes produzidas pelas ordens religiosas, tal como a Companhia de Jesus o fez, podem possuir no intuito de fornecer aos historiadores informações a respeito das sociedades em que os missionários atuaram bem como as modificações decorrentes desse contato com novas sociedades. Ressaltou, também, que tais fontes não são produto fidedigno das realidades sociais. Sendo assim, como compreender as noções de tolerância e intolerância religiosa na Época Moderna sem que caiamos ora na tentação de reproduzir o discurso propagandista (e enaltecido) dos jesuítas, ora em desconsiderar tais fontes por conta desse mesmo discurso?

[Maria de Deus Manso]: Qualquer fonte é um conhecimento individual ou coletivo construído ou representado sobre uma determinada época histórica; é a matéria-prima para o historiador. Mas o que são fontes históricas? Hoje, a noção de fonte é muito mais abrangente do que em outras épocas. A fonte histórica ganhou uma nova abrangência quer em termos escritos quer

⁵ PROSPERI, Adriano. **Tribunais da Consciência**. Inquisidores, Confessores, Missionários. Trad. de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.



iconográficos. O historiador para perceber como o passado foi representado precisa recorrer a diversas representações ou registos e igualmente a outras disciplinas, que não a História, para contextualizar e problematizar o passado. Independentemente do autor e local da fonte, todos os registos devem prender a importância de quem faz História. Não cabe ao historiador julgar a História e ser demasiadamente “controlado” em relação às fontes que irá usar, mas sim perceber o autor, espaço e o tempo em que os acontecimentos ocorreram.

Centrando-nos no missionário inaciano, será que este procedia a um registo intencional, a fim de deturpar as realidades observadas? Será que apenas visava um discurso puramente propagandista? Não creio em absoluto. A sua narrativa é o olhar de um homem ocidental, assente nos valores da cultura cristã que — enquanto portador de um projeto missionário e cultural, face a quotidianos diferentes do seu — tentava estabelecer paralelos e construir um discurso entre o “bem” e o mal”, a “condenação” e a “salvação” das almas. Notoriamente, considerava e disseminava a sua vivência e a sua religião, esta, para ele, era a única crença verdadeira e a única que permitia a salvação do Homem. Será que tal discurso nos impede de ver o exercício de “tolerância” e intolerância” na construção de um determinado modelo de sociedade? Pergunto igualmente, será que o Homem desta época pensava em conceitos como a “tolerância” e a “intolerância” assim como nós os concebemos hoje? Evidentemente, hoje, e para os nossos modelos de vida, conseguimos ter a percepção da violência física e cultural desenvolvida. Mas para aqueles, quem não estava dentro dos cânones ou impedia o fortalecimento e prática do rito romano, ficava sujeito à perseguição, ao castigo e ao ostracismo que o missionário, enquanto corpo da Igreja, defendia como certo. Pois, havia que impedir o avanço do Protestantismo, aumentar o número de católicos e aplicar as determinações saídas do Concílio de Trento (1545-1563) dentro e fora da Europa. O inverso também acontecia. As Igrejas Protestantes e outros credos religiosos usavam da mesma violência e rejeição em relação às outras confissões e culturas. Logo, a “tolerância” e “intolerância” eram recíprocas e será que estas também são observáveis nos seus documentos? Será que as fontes produzidas, por exemplo, pelos protestantes, judeus, hindus, muçulmanos e outras religiões têm também um olhar fidedigno da sua história? Será que não narram identicamente um discurso propagandista sobre as suas culturas e maneiras de proceder?

Centrando-nos nas cartas que os missionários enviavam para a Europa, uma das pontes privilegiadas com o mundo de onde partiam, eram quase sempre relatos pormenorizados, ora esperançosos, ora espelho do desalento em face das dificuldades perante realidades diferentes,



desconhecidas, míticas e, muitas vezes, hostis à sua ação. As cartas não apenas estabeleciam a ponte entre espaços como eram matéria de análise nos Colégios da Companhia. Embora se trate de literatura edificante e apologética, havia de propagar o projeto — isto não se pode refutar —; comunicava-se identicamente sobre o curso das missões e a forma como se deveria proceder quando outros partissem e forneciam-se assim dados valiosos sobre os europeus e as culturas em que se inseriam. Muitas destas obras foram traduzidas para diversas línguas e impressas, tornando-se populares entre a Europa associada ao Catolicismo. Apesar do seu teor laudativo, são uma descrição antropológica que ajudaram a explicar ao mundo moderno a variedade cultural das sociedades existentes⁶. Estes trabalhos apoiaram também a reforçar a abertura face aos horizontes geográficos e à nova conceção de Humanidade fora da Europa, há pouco saída dos tempos medievais (476-1415). Tais aspetos não são inibidores para o conhecimento histórico, são apenas um documento entre outros.

[RT]: Ainda que se trate de uma única Ordem Religiosa, seria equivocado avaliar a história da Companhia de Jesus sem considerar a multiplicidade dos seus atores bem como dos contextos nos quais os inicianos atuaram ao longo, por exemplo, da Modernidade. No campo da historiografia das religiões, como avaliar essa história sem perder uma perspectiva conectada – em que por vezes a Companhia de Jesus fora encarada a partir de um projeto expansionista; vide em Portugal – ao mesmo tempo em que a perspectiva do indivíduo também merece relevo? Tendo em vista o grande volume documental referente a esta Ordem e produzido por seus próprios integrantes, tal condição acaba por se tornar outro desafio ao pesquisador?

[MDM]: Com a Ordem inaciana inaugurou-se novo sentido de missão, debaixo da autoridade de Inácio de Loyola (1491-1556), do Papa Paulo III (1534-1549) e do rei de Portugal, D. João III (1521-1557), com objetivos claros da propagação da Fé — que passam pela organização da viagem, fixação e atividades missionárias a desenvolver e pela adaptação ao espaço —, sendo seguido de outros missionários que se espalharam pela Ásia, América e África. Agora, as missões acentuam a ligação entre a fé e a conquista, a ocupação e a circulação ibérica no espaço extraeuropeu, fortalecendo mais as duas conceções: a conquista temporal e a conquista espiritual, em movimento regenerador sem precedentes. A missão serviu os estados ibéricos e os

⁶ ROMANO, Antonella. (D)escribir la China en la experiencia misionera de la segunda mitad del siglo XVI: el laboratorio ibérico. **Cuadernos de Historia Moderna**, 2014. Anejo XIII. 244.



missionários serviram as suas coroas na pacificação do *Outro*, submetendo-o à autoridade cristã e à imposição dos valores ocidentais. Embora a formação fosse una, podemos dizer que uma parte dos membros da Companhia de Jesus pautou o seu labor apostólico e civilizacional pelo uso da adaptação aos espaços em que missionava.

Genericamente, os inicianos não colocavam em causa a ortodoxia da Igreja. No entanto, assistimos, por diversas vezes, a alguma elasticidade (*adaptação/acomodação*) para lidarem com as populações autóctones em determinados contextos. Este aspecto tanto se pode dever às origens sociais e culturais dos diferentes elementos da Ordem, como ao método de introspeção desenvolvido na sua formação, à reflexão, ao estudo dos espaços em que as missões se desenvolviam ou ao anseio de superar as dificuldades envolventes. A *adaptação/acomodação* constitui-se desde os primeiros tempos uma nota característica das missões inicianas. Esta foi usada na América, na Ásia e em outros espaços. Por vezes, era a única forma de dar início à conversão ou conseguirem permanecer em certos lugares, mas sem nunca renunciarem o seu ideal ou o seu objetivo evangelizador. Apesar dos condicionalismos locais terem imposto esta prática, ela nem sempre recolhia unanimidade dentro da Igreja, nem na própria Companhia de Jesus. Houve quem se tivesse insurgido contra esta forma de proceder, tão condescendente na opinião dos contraditores e a tenha denunciado ao Papa, levando ao exame da sua funcionalidade e cujo estudo se podia arrastar, em Roma, por anos. A este respeito, lembre-se o caso dos *Ritos Chineses e Malabáricos*. Também António Vieira (Brasil) devido à sua posição face ao sistema colonial foi importunado e denegado no seio da Igreja.

É a diversidade de ação e a capacidade singular no exercício de construção de uma nova sociedade e indivíduo fora da Europa, o que mais me fascina nas missões inicianas. Esta diversidade comportamental e quantidade informativa (documentação), remete-nos para uma preocupação constante, em saber de ações concretas, “equilibrismos” perante sociedades tão heterogéneas.

[RT]: É inevitável mencionar nessa entrevista a nomeação do primeiro Papa jesuíta, Jorge Mário Bergoglio – o Papa Francisco –, em 2013. Tanto é que sua última publicação, *História da Companhia de Jesus em Portugal*⁷, traz na capa uma imagem remente ao atual pontífice. Ainda mais pertinente que sua nomeação, talvez sejam as iniciativas que

⁷ MANSO, Maria de Deus Beites. *História da Companhia de Jesus em Portugal*. Lisboa: Parsifal, 2016.



o atual papado vem tomando frente a temas considerados mais progressistas como, por exemplo, o discurso mais incisivo em favor dos pobres, assumindo críticas severas ao capitalismo. Diante desse cenário, como avaliar a posição da Igreja Católica no mundo atual, em que a emergência de novas religiões, o avanço de temas considerados tabus entre os religiosos, tem implicado na diminuição da vida católica entre a população?

[MDM]: A reforma da Igreja no século XVI, através da missão jesuíta, ganhou destaque e dimensão no espaço e no tempo. Trouxe mudança, um novo paradigma, e inseriu ruturas, por vezes, permitindo continuidades no *modus vivendis* de muitas populações que com os missionários inacianos se aproximaram. A cruzada inaciana tornou-se global/universal. Desde muito cedo a Ordem definiu a missão/viagem como marca identificadora que os guiou pelos cinco continentes. Ciente de que a História de qualquer instituição não recolhe unanimidade na sua interpretação, reforçamos a ideia, sem perdermos de vista as épocas e os contextos em que se movimentaram as primeiras gerações de jesuítas (nascimento/extinções), de que eles deixaram traços que hoje não podemos desconsiderar. Estes, juntamente com diferentes agentes coloniais, cunharam em muitas latitudes a cultura ocidental, o cristianismo, a língua portuguesa, as relações diplomáticas e o conhecimento científico europeu, entre outros aspetos. Não cabe, aqui, discutir se o procedimento foi correto ou se não deveria ter existido; o que não podemos é desconhecer que foram os construtores da globalização numa época de custosa veiculação e apreço pelo *outro*, seja ele ocidental ou não. A Companhia de Jesus, primeiro expulsa, depois extinta reergueu-se tanto no período moderno, quanto no contemporâneo e, hoje, permanece ativa. A missão e o ensino onde quer que se encontrem mantêm o conceito de mestria. Na Província de Portugal, e no século XX, distinguiram-se inacianos que marcaram o ensino, a cultura e a ciência. Lembrem-se, entre outros, os Padres Manuel Antunes, Serafim Leite, Silva Rego, Augusto Silva, António da Costa e Oliveira Pinto e Luís Archer. Alguns destes nomes dedicaram-se à divulgação do que foi a sua história ao serviço do Padroado Português, ajudados por membros de outras nacionalidades como foi Georg Schurhammer. A formação religiosa, e multidisciplinar dos jesuítas faz com que se distingam nas ciências exatas, como António da Costa Oliveira Pinto ligado ao ensino da física e à química, que participou no *I Congresso de Radiologia e Ionização*, em Liège (1905) e Luís Acher na



genética molecular. A Revista *Brotéria*, órgão ligado à SI mais ligada à produção nas áreas das letras dedicou igualmente atenção à divulgação das ciências exatas⁸.

Fora de Portugal, mas educados no espírito inaciano, queremos destacar Pierre Teilhard de Chardin paleontologista e filósofo. Hoje, não podemos pensar na Ordem sem a referência ao Cardeal Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco. Descendente de italianos, nascido na Argentina, é o primeiro Papa latino-americano e jesuíta, simultaneamente, o primeiro Papa não europeu desde o ano 752. O Papa Francisco surgiu numa época em que cada vez mais a Igreja deve refletir sobre o seu papel no mundo. Presentemente, a Igreja de Roma terá de colocar em ação uma cruzada, não a da evangelização da Época Moderna, mas a cruzada do ecumenismo, do diálogo inter-religioso e de adaptação a uma sociedade consciente da hora da mudança e onde as ambições económicas e políticas se acentuam a cada dia que passa. Os desafios que a Igreja, agora, enfrenta, não são apenas de cariz dogmático, mas problemas tão reais como a fome, o desemprego, as guerras, a pedofilia, os direitos das minorias como é o caso do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de crianças por estes casais. Numa sociedade que se pretende igualitária, a questão do sacerdócio feminino certamente se colocará. Estes e outros assuntos forçarão a Igreja de Roma a pronunciar-se e a tomar posição face aos grandes conflitos que se colocam, seja a grave crise migratória e as guerras que assolam parte do nosso planeta.

A encíclica do papa Francisco,, *Laudato Si* (português: *Louvado sejas*; subtítulo: *Sobre o Cuidado da Casa Comum*), publicada a 18 de junho de 2015, aborda a questão das Mudanças Climáticas, a Água e a Preservação da Biodiversidade, entre outros conteúdos. Preocupam-no as implicações que as alterações climáticas podem ter nas sociedades, sobretudo no aumento da pobreza. Perante tamanha instabilidade e dramatismo que o mundo vive, espera-se que o Papa Francisco seja a voz ativa, atuante e conciliadora perante uma sociedade predominantemente economicista e em tantos momentos indiferente para com o *outro*, egocêntrica e consumista. De facto, a experiência tem mostrado que o Papa Francisco tem sido essa voz e é percepção de todos nós de que a Igreja Católica esta a mudar e não mais será a mesma. Tais atitudes são a prova de que a adaptação ao tempo e ao espaço continua a ser uma das características da Ordem.

⁸ Ver: RIBERIO, Francisco Malta. *Ciência, Prestígio e Devoção: Os Jesuítas e a Ciência em Portugal (séculos XIX e XX)*. Cascais: Lucerna, 2015.



[RT]: Alguns dados estatísticos revelam que, no ano da nomeação do Papa Francisco, a Companhia de Jesus possuía 91 províncias espalhadas pelos quatro continentes, perfazendo o número de 19 mil integrantes, em sua maioria estabelecidos na Ásia⁹. Nesse sentido, como é possível avaliar o peso atual da Companhia de Jesus não somente na vida religiosa de seus seguidores, mas no seio das decisões envolvendo a Igreja Católica enquanto instituição?

[MDM]: No que diz respeito à presença da Ordem no Mundo continua a ser significativo (91 províncias). No entanto, o número de seguidores é reduzido, mas o mesmo se aplica à Igreja Católica em geral. As vocações para a vida religiosa vivem também um momento de crise. Hoje, sobretudo nos países ditos ocidentais, poucos procuram a Igreja, pelas razões que mais ou menos todos sabemos. Por isso, não admira que a maioria dos inicianos se encontrem na Ásia. No entanto, a Ordem continua a manter uma formação característica. Na sua maioria não se formam, apenas, em Teologia, mas em outras áreas do saber. Creemos que esta vertente dar-lhe-á uma outra percepção da vida e até do papel que a Igreja deve ter na atualidade. A Igreja como qualquer outra instituição tem de se adaptar à sociedade, ao quotidiano. Aqui, remeto para as questões que anteriormente já referi e reafirmo que o Papa, em nome da Igreja Católica, tem tomado posições que vão ao encontro dos graves problemas político-sociais que enfermam a sociedade. Não quero terminar sem recordar o papel diplomático que teve na aproximação política entre os Estados Unidos da América e Cuba ou que empreende na Venezuela, as denúncias contra o terrorismo e a perseguição que é feita contra os cristãos em todo o mundo.

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/novo-papa-francisco/noticia/2013/03/veja-historia-dos-jesuitas-ordem-religiosa-do-papa-francisco.html>. Acesso em: 04/01/2017.